

# Trecho do livro “Viagem à Província de São Paulo”

Autor: Auguste de Saint-Hilaire

Páginas: 275 a 288

## CAPITULO XIII

### A VILA DE ITAPEVA - OS INDÍGENAS BUGRES E GUANHANÃS

A VILA DE ITAPEVA; SUA HISTÓRIA; SUAS CASAS; SUA IGREJA; SEUS MEIOS DE COMUNICAÇÃO - O DISTRITO DE ITAPEVA; SEUS LIMITES; SUA POPULAÇÃO; SUAS PRODUÇÕES; SUA POBREZA; PROGRESSOS SENSÍVEIS. - NOVOS DETALHES SOBRE A MISÉRIA. O CAPITÃO MOR DE ITAPEVA. - O RIO TAQUARI. - FAZENDA DINHA. - OS CAMPOS VIZINHOS. - A ALDEIA DE ITARARÉ; SEU DESAPARECIMENTO; CASCATA. - TERRAS DAS IMEDIAÇÕES DE ITARARÉ SUAS PRODUÇÕES. - OS INDÍGENAS - BUGRES. - OS GUANHANÃS; SUA LÍNGUA; UM JOVEM DESTA TRIBO. - OS INDÍGENAS DE ITAPEVA; SUA HISTÓRIA. - O BARÃO DE ANTONINA.

Itapeva, cujo nome, oriundo da lingua geral, significa pedra chata (543), está situada em uma região muito acidentada, coberta de matas e de campos (544). Esta vila não foi sempre sede ou cabeça do distrito do mesmo nome. O pelourinho que como é sabido, distingue particularmente as vilas, tinha sido elevado primeiramente numa aldeia chamada Faxina, situada a duas ou três léguas da estrada (545); posteriormente foi transportado para Itapeva, mas, na ocasião de minha viagem, applicava-se, geralmente, a essa última localidade, o nome da antiga sede do distrito, isto é, Faxina (546) ou Itapeva da Faxina. Itapeva é, certamente, a vila menos importante entre todas que visitei, desde que me encontrava no Brasil (547). Não tinha ela, em 1820, mais do que 25 e 30 casas, cuja maioria estava em péssimo estado de conservação, e que formavam três agrupamentos principais. A mais importante era construída, como a igreja paroquial dedicada a Santana, ao alto da colina, abaixo da qual corre, por um vale estreito e profundo, o riacho Fundo, que deságua no rio Taquari, afluente do Paraná. Um outro grupo se elevava no declive da colina, e o terceiro à margem do ribeirão Riacho Fundo, Rochedos chatos e unidos, em meio dos quais crescem algumas plantas, guarnecem, de distância a distância, o flanco das colinas que cercam o Riacho Fundo. Itapeva goza de uma vantagem de que toda a estrada que a serve estava privada em 1826 - e de poder comunicar-se com o mar, vantagem que, para o futuro, poderá tornar assaz importante essa localidade. A cerca de 15 léguas para os lados do oceano está situada a pequena vila do Apiaí (548); há uma estrada que vai de Itapeva a essa vila, de onde se pode, posto que com algumas dificuldades, descer em pirogas até o pequeno porto de Iguape, pelo rio denominado Ribeirão de Iguape. Em 1820, era essa via já utilizada para o transporte do sal, de que o gado tem necessidade, produto que, assim, ficava por preço muito menos elevado do que o proveniente de Sorocaba (549).

O distrito de Itapeva estende-se desde o rio Paranapitanga até o rio Itararé, onde começa o distrito de Castro. Em 1820, não contava ele mais de 2.000 habitantes, e era administrado por juizes ordinários. O número de escravos nele existentes era pouco considerável, não só porque os seus habitantes eram muito pobres, mas também porque a criação de gado, de que se ocupam habitualmente, pouco trabalho exige. Itapeva fornece grande quantidade de gado bovino à cidade do Rio de Janeiro; mas parece que a

maior parte das fazendas da região, as quais, de resto, são em pequeno número, pertencem a homens ricos, que nas mesmas não residem, e que, contrariamente aos fazendeiros de Minas Gerais, despendem suas rendas alhures (1820). Resulta disso que a região é, como se viu, muito pobre; e, se na mesma circula algum dinheiro, deve-se, principalmente, às caravanas vindas do Sul (550). Nas terras boas, o milho rende de 150 a 200 por 1; a cana de açúcar não pode ser cultivada, por causa das geadas que caem nos meses de junho a julho, época do inverno no hemisfério austral.

Como já tive ensejo de dizer, não há, no distrito de Itapeva, entre os habitantes realmente brancos, senão alguns recém-vindos; os amigos, todos eles, são indivíduos de sangue mesclado. Entretanto, como se encontrem, entre estes, pessoas cuja cor é a mesma dos descendentes de europeus de raça Auro, pretendem as mesmas, a todo o transe, passar como representantes de nossa raça; mas os verdadeiros brancos as repelem e reciprocamente se destestam. Tal era, em 1820, o estado da região: mas, depois dessa época, operaram-se, a se acreditar no que diz DANIEL PEDRO MÜLLER, notáveis progressos. A população era, em 1838, de 4.000 almas, e, conseqüentemente, no espaço de 18 anos, tinha atingido a mais do dobro (551). O número de escravos - deplorável sinal da riqueza - que, em 1815, não excedia de 240 (552), elevava-se, em 1838, a 657. Pela escolha, possivelmente, das localidades mais favorecidas por suas condições especiais, foi fabricado um pouco de açúcar, colheu-se enorme quantidade de milho (250.000 alqueires) e foram criados 2.094 bois (553).

Viu-se, pelo que precede, como, na época de minha viagem, a falta de gêneros era grande em todo o termo de Itapeva. Tal estado de cousas não datava, entretanto, de 1820, pois perdurava desde dois anos. Em 1818 os bambus frutificaram, ocorrendo o que, em caso idêntico, ocorre igualmente em Minas Gerais - enormes bandos de ratos, atraídos pelas sementes dos bambus, devoravam grande quantidade de milho, a princípio nas plantações, depois nos paióis (554). A colheita de 1819 foi, como já assinalai, quase nula, devido à excessiva seca; por essa razão, o preço da farinha, ordinariamente de \$480 o alqueire (3 frs. por 40 litros), elevou-se até 4\$000 por alqueire (25 frs. por 40 litros), e eu próprio paguei esse produto à razão de 2\$800 por alqueire. Os moradores da região, depois de terem por longo tempo se alimentado com palmitos (brotos de palmeira), gabiobas (555) e outras frutas silvestres, começaram a colher o milho logo depois de granado, sem esperar a completa maturação. A maioria deles estava em lastimável estado de magreza, e tinha a pele pálida e lustrosa - seguro indício dos sofrimentos ocasionados pela fome. A disenteria já começava a atacar várias pessoas, fazendo temer que se desenvolvesse com o caráter epidêmico.

Antes de minha chegada a Itapeva, tinha enviado José Mariano à frente, com uma carta de recomendação do capitão geral da província ao capitão-mor. Este encontrava-se em sua fazenda; mas um sargento da milícia procurou-me, em sua ausência, uma casa muito cômoda. Logo depois de ter recebido a carta do capitão-general, o capitão-mor veio para a cidade; e, infelizmente, já estava deitado, quando chegou. No dia seguinte pela manhã recebi sua visita, mandando-me, depois, nas horas próprias, o almoço, o jantar e a ceia para a casa por mim ocupada, vindo tomar essas refeições em minha companhia. Seu genro trazia os pratos, e, de acordo com o costume do país, servia-me, com um guardanapo sobre o ombro. O capitão-mor, que era, provavelmente, o proprietário mais abastado da região, tinha pouco mais ou menos o jeito dos nossos proprietários rurais do Beauce. Pediu-me muitas desculpas por não se ter apresentado com o uniforme; vestia uma sobrecasaca de grosso pano azul, um colete de veludo preto a um chapéu alto, redondo, cuja forma estava, na parte inferior, cercada por um galão de ouro.

Os mais importantes moradores da localidade vieram também visitar-me, mas poucas perguntas me fizeram, pois não tinham nem a inteligência, nem a curiosidade dos mineiros; desconheciam tudo o que ocorria pelo mundo, podendo falar, apenas, dos

objetos que os cercavam. Muitos agricultores da região não compreenderam até o que lhes perguntava, quando os interrogava sobre a produção anual do milho em suas terras de cultura. Chegando a Itapeva, mandei fazer buscas para obter víveres; não foi possível encontrar nem galinhas nem toucinho, nem carne.

Sem o auxílio do capitão-mor, que sempre se mostrou atencioso e complacente para comigo, não sei o que me teria sucedido. Consegui encontrar as provisões que me eram necessárias, e só recebeu pagamento pelas que havia comprado. Antes de minha partida da cidade, ofereceu-me um jantar realmente muito abundante, tendo-se em consideração a extrema escassez dos gêneros alimentícios na ocasião, e quis, absolutamente, acompanhar-me durante um percurso de meia légua, até o pequeno rio denominado Tacuarari, ao qual já me referi acima (556). O referido rio, que nesse local dá passagem a vau, durante o tempo da seca, cessa de dá-la, depois das chuvas prolongadas. Quem viaja a pé pode, contudo, atravessá-lo por uma pequena ponte de madeira, recentemente construída, quando o ouvidor de Itu, anteriormente juiz de fora em Curitiba, passara pela estrada, em trânsito, para tomar posse de seu novo cargo. Se naquele tempo alguma comodidade era, em geral, encontrada nas estradas, devia-se isso à passagem, pelas mesmas, dos capitães gerais e dos ouvidores. O rancho da Guarda-Mor, existente na estrada de Goiás e Mato-Grosso, foi mandado construir por João CARLOS D'OEYNHAUSEN e a estrada, por, FERNANDO DELGADO, etc. (557).

O capitão-mor de Itapeva tinha posto dois homens à minha disposição, a fim de me auxiliarem na travessia do rio. Minhas bagagens foram levadas às costas, por esses homens, pela pequena ponte de madeira; os animais de carga atravessaram o rio a nado. Pouco depois de termos reiniciado a caminhada, a chuva começou a cair, pelo que chegamos inteiramente encharcados à Fazendinha, pequena fazenda onde devíamos pernoitar (558). Geralmente, na estação das chuvas, quando não chove durante todo o dia, ao menos à tarde isso acontece; raríssimo é, porém, que chova pela manhã e que, à tarde, faça bom tempo - foi o que observei durante duas estações das chuvas, na província de Minas Gerais.

A Fazendinha, onde parei (23 de Janeiro), era um estabelecimento rural do gênero dos que se denominam fazendas de criar, porque ocupam-se com a criação do gado. Pertencia a uma senhora de Sorocaba, que ali mantinha um gerente (feitor), com alguns escravos, mas que à mesma jamais ia. Demais, não sei onde poderia alojar-se, porquanto só havia na Fazendinha uma miserável choupana, quase em ruínas, cheia de baratas e onde não havia espaço para a gente mover-se. Além desse local, num círculo de 3 léguas e meia, a região é, de ordinário, quase plana e os capões de mato e as pastagens formam encantadora variedade de aspectos. O verde dos campos era admirável. Nos dias anteriores, eu já tinha visto araucárias em meio dos capões; nesse dia, avistei um trecho de mata inteiramente constituído por essas majestosas árvores. O local elevava-se em anfiteatro na encosta de uma colina, e, como os galhos das araucárias brotam na mesma altura, todas as que estavam situadas numa mesma linha horizontal formavam uma espécie de plataforma alongada, de cor verde sombria; o plano superior apresentava uma segunda plataforma, a assim ia sucedendo até o cume da colina.

Nesse mesmo dia, atravessei vários riachos que correm entre duas colinas, sobre um leito de pedras muito achatadas (lajeados). Fiz uma bela colheita de plantas nesse local. Capões de mato inteiramente formados por araucárias e rochedos muito chatos à borda das águas, constituíam o anúncio dos Campos Gerais, onde em pouco tempo entraria. Antes de alcançar a fazenda de Perituva, onde fiz alto (24 de Janeiro), passei, por uma ponte de madeira, estreitíssima, o rio do mesmo nome (rio Perituva), o qual, como me informaram, deságua no Taquari. A fazenda de Perituva (559) pertencia a um indivíduo muito rico de São Paulo, que ali nunca aparecia, deixando seus escravos ocuparem-se com a criação de animais; não se deve, por consequência, ficar admirado de só existirem

na fazenda algumas cabanas miseráveis e em péssimo estado de conservação. Foi numa dessas cabanas que me alojei.

Antes de começar a trabalhar, examinei minhas canastras (malas), a fim de ver se, durante a noite precedente, não tinham entrado baratas nas mesmas. A casa onde dormira, como já disse, estava repleta desses repugnantes insetos, que tudo maculam e destroem. Grande número deles tinham-se introduzido entre a madeira e o couro das malas, e eu só poderia esperar desembaraçar-me dos mesmos, mediante inspeções feitas com cuidado e várias vezes repetidas. Enquanto continuava a viagem, as provisões que me arranjara o amável e prestimoso capitão-mor de Itapeva restituíam-me, os poucos, as forças perdidas. Durante alguns dias, minha alimentação fôra péssima; à minha chegada a Itapeva, sentia-me bastante mal, com os nervos muito excitados, a cairia doente, se tivesse continuado a comer apenas feijão cozido em água com sal. Além de Perituva, sempre campos magníficos. Depois de ter caminhado cerca de légua e meia, a partir dessa fazenda, passei pela do Rio Verde, pertencente ao mesmo proprietário, e onde eram também criados animais - cavalos e bois. Não havia em Rio Verde senão duas ou três cabanas muito piores do que as de Perituva. Foram as únicas que vi durante toda a caminhada desse dia, a qual foi muito prolongada. Pretendia, a princípio, parar na fazenda de S. Pedro, situada a alguma distância da estrada, e também pertencente ao proprietário das duas anteriores, mas persuadiram-me a renunciar a esse projeto, informando-me de que as baratas eram de tal forma numerosas ali, que minhas malas e as cangalhas (arreios) dos animais ficariam em pouco tempo cheios desses insetos.

As fazendas de Perituva, Rio Verde e S. Pedro, reunidas, formavam um território mais extenso do que muitos principados. Um número superior a cem pessoas tinha obtido do proprietário dessas três fazendas permissão para morar em suas terras, onde criavam gado e faziam plantações, sem qualquer pagamento; mas é bom dizer que o pequeno valor das terras tornava esse ato de beneficência menos meritório do que poderia parecer a qualquer outro europeu pouco conhecedor do Brasil. Todavia, os homens que se aproveitavam, assim, da bondade do proprietário de Perituva, estavam numa situação simplesmente precária, pois um novo proprietário podia expulsá-los ou impor-lhes, para continuar na posse das terras que ocupavam, pesadas condições. Indo se estabelecer a algumas léguas de distância, teriam encontrado, do lado do mar, terras ainda devolutas, onde os selvagens não apareciam; não lhes sobrava, porém, bastante energia para a realização de tão pequeno esforço.

O clima da província de São Paulo não mudou; outras influências às quais a espécie humana é submetida na mesma província, ao menos em sua parte ocidental, também muito pouco mudaram - como, pois, explicar a razão pela qual os mestiços que habitam a região compreendida entre Sorocaba e os Campos Gerais, oriundos, indubitavelmente, dos amigos mamalucos, sejam tão diferentes de seus antepassados? Não é lícito admitir que os múltiplos cruzamentos, que os aproximaram de nossa raça, tenham contribuído para sua degenerescência. Será mais lógico acreditar que os amigos mamalucos elevaram-se, temporariamente, acima de seu estado normal. Não tinham eles menos apatia, é certo, do que os seus atuais descendentes; talvez fossem, mesmo, mais apáticos; mas eram excitados pelo exemplo dos brancos e queriam mostrar-se iguais a estes últimos procurando encobrir, pela sua crueldade contra os indígenas, a vergonha de descendentes dessa raça proscrita e tão injustamente desprezada.

Não querendo, como já disse, deter-me na fazenda de S. Pedro, por causa das baratas que ali pululavam, tomei a deliberação de ir mais longe, fazendo nesse dia uma marcha de 5 léguas, a mais longa que fiz desde São Paulo. A alguma distância da fazenda do Rio Verde, passei a vau o rio do mesmo nome (rio Verde), que corre num leito de pedras chatas. Pouco depois dêsse local, vêem-se, à direita da estrada, imensas florestas. A pouco a pouco me dirigia, embora muito obliquamente, para o Sul; por consequência, a

vegetação devia apresentar alguma mudança. Encontrava, de fato, nos campos descobertos, muitas plantas que eu ainda não conhecia; mas via também muitas que crescem igualmente nos campos de Minas, de Goiás e no norte da província de São Paulo. Posso citar, por exemplo, exemplares anãos do pequi (*caryocar brasiliense*, A.S.H., CAMB., JUSS.), cujo fruto tem na região o singularíssimo nome de fruto inglês. Desde minha partida de Sorocaba, tinha encontrado, mas em pequena quantidade, o borulé (*brosimum*). Um dia, antes de chegar a Itapeva, vi ainda vários espécimes anãos da gutífera de grandes fôlhas glaucas róseas (*kielmeyera speciosa*, A. S. H., CAMB., JUSS.), tão comuns nos campos de Minas. Finalmente, a planta vulgarmente denominada falsa mangabeira ou managabeira falsa, não é, absolutamente, rara na região. A flora dessa parte da província de São Paulo forma o começo da transição entre a vegetação tropical e a da província do Rio Grande.

O capitão-mor de Itapeva deu-me uma carta de recomendação para um cabo da guarda nacional (milícia), comandante da aldeia de Itarayré (560), onde cheguei a 25 de janeiro. Mandeí José Mariano à minha frente levar essa carta, e o seu destinatário fez preparar, para me receber, a melhor casa da localidade, o que, certamente, não era força de expressão. Fui recebido pelo cabo, que era um homem branco, delicado, e sobrinho do capitão-mor. A aldeia de Itararé tem o mesmo nome de um rio que passa em sua vizinhança (rio Itararé), e se compõem de alguns miseráveis casebres, muito pequenos, extremamente baixos, obscuros, construídos de terra e ripas cruzadas (pau a pique), e em cujo madeiramento não foram empregados nem cavilhas, nem encaixes, nem pregos; os arcabouços das coberturas eram sustentados por quatro estacas terminadas em forca; todas as peças de madeira amarradas com cipós. Passei um dia nessa aldeia, para estudar um grande número de plantas que tinha colhido na véspera, e para conhecer o rio Itararé. Parti a cavalo, pelo meio do dia, juntamente com o cabo a quem fui recomendado, e, depois de ter atravessado vastas pastagens, avistamos o vale por onde corre o Itararé, ou, como dizem os moradores da região, o Tararé.

Em seguida nos dirigimos para um ponto denominado Barra (confluência), porque nesse local um pequeno rio do mesmo nome (rio da Barra) e o Itararé confundem suas águas. As colinas que nesse ponto margeam este último são muito pantanosas; a princípio se estendem por suave encosta e apresentam apenas pastagens; mais perto do rio, crescem arbustos, notadamente a mimosácea 1.397 - bis; depois, de repente, descem a pique até o fundo do vale. O pequeno rio da Barra chega ao vale por sobre um leito de pedras chatas, e, após pequenos saltos, precipita-se de considerável altura sobre o Itararé, formando uma cortina vertical de água. Abaixo dessa cascata, o Itararé deriva por uma profunda escarpa, desaparecendo aos olhos do observador. Nesse ponto, os rochedos que o margeiam se aproximam, recobrem-no, só deixando perceber uma fenda de pouca largura. Entretanto, em meio das pastagens, as sinuosidades do rio são facilmente reconhecidas, pois são desenhadas pelo verde escuro de um espesso tufo de arbustos e de pequenas árvores que emergem das rochas talhadas a pique nas bordas da escarpa. Entre esses vegetais, comprimidos uns contra os outros, é impossível não se distinguirem elegantes palmeiras e a *clusia criuva*, A.S.H., JUSS., CAMB., de flores brancas em corimbo e de folhas lustrosas. Só ao fim de uma légua é que se começa a avistar novamente o Itararé, que reaparece, a princípio, com uma largura de cerca de 6 a 7 decímetros, e, depois, repentinamente, espalha-se por um leito de aproximadamente 6 a 7 metros de largura, correndo com rapidez, preso ainda entre os rochedos a pique, entre os quais cresce um grande número de arbustos. No ponto em que o rio reaparece, um regato, cuja água é bebida na aldeia, vai nele desaguar, formando linda cascata, que se precipita do alto dos rochedos, entre árvores e moitas de arbustos. Depois de ter percorrido certo trecho, o Itararé, informou-me o meu guia, alarga-se bruscamente mais

uma vez, numa largura de cerca de 16 braças (34 metros); até ali é ele muito profundo, e suas águas são de gosto bastante, desagradável.

Segundo me informou o cabo, as terras dos arredores de Itararé são ótimas e próprias, em geral, para a cultura do milho, do arroz, do feijão e da mandioca. O milho rende até 400 por 1. O grande feto invade rapidamente as terras medíocres, mas não aparece nas de boa qualidade; estas, entretanto, facilmente se cansam, e, ao fim de um certo número de colheitas, torna-se necessário destruir as ervas daninhas, o que não precise ser feito nas terras ainda novas. O algodão ainda produz na região. A geada, é certo, se faz sentir todos os anos, mas unicamente após a colheita dos derradeiros frutos.

Desde São Paulo, todas as pessoas que íamos encontrando, vindas do Sul, falavam-nos dos indígenas de Itapeva, e amedrontavam meus servidores com mil narrativas trágicas. É bem verdade que nessa ocasião hordas de selvagens habitavam nas matas vizinhas da estrada, as quais, desde Itapeva, estavam muito próximas desta última, e que os indígenas apareciam principalmente entre Itarê e o rio Jaduariaíba; é bem verdade, também, que tinham por várias vezes destruído as fazendas situadas próximo das matas; era, porém, extremamente raro que se arriscassem até a estrada. Os selvagens, geralmente, só atacam com plena segurança do que fazem e os que habitavam na região deviam saber que os viajantes não na percorriam isoladamente e desarmados. Todos os anos os guardas nacionais (milicianos) de Itapeva se reuniam e se internavam nas matas para dar caça aos indígenas selvagens, empresa em que revelavam notável habilidade, e raramente regressavam sem trazer mulheres e crianças que aprisionavam; o seu ardor era excitado pelo desejo de afastar vizinhos tão perigosos, e, mais ainda, pelo de fazer prisioneiros, por isso que lhes era permitido explorar-lhes o trabalho durante 15 anos, a título gratuito, e, mesmo, vendê-lo por esse espaço de tempo.

Desde muito perto de São Paulo até as fronteiras ocidentais da província, e, mesmo, em Santa Catarina, é dado aos indígenas o nome de bugres (561), que vem, evidentemente, do francês, mas cuja significação foi desvirtuada. Quanto aos indígenas de Itapeva, sabe-se que eram distinguidos pelo nome de guanhanã, que parecia ser tão desconhecido àqueles a que aplicado, como o nome de coiapós o é dos indígenas de Goiás (562). Presumo o que as denominações atribuídas à maior parte das tribos indígenas mais não são do que as palavras que teriam feito a atenção dos portugueses em suas primeiras conversações com os selvagens componentes dessas tribos, denominações que aqueles teriam aplicado, desfigurando-as, às próprias tribos. Pelo que é muito possível que o nome guanhanã não seja outra cousa senão guaianáses e guaianás, nomes que, como é sabido, eram dados aos habitantes da planície de Piratininga, e que uma recordação histórica levou à tribo de Itapeva (563).

Enquanto permaneci nessa localidade, mostraram-me um jovem guanhanã que tinha sido aprisionado há dois anos e que fora comprado por um proprietário das vizinhanças. Nele notei todos os traços da raça americana; sua face tinha a pele muito escura, afora isso, nada mais observei que o distinguisse particularmente. Tentei obter desse jovem indígena um pequeno vocabulário de sua língua. Foi necessário, primeiramente, vencer a sua timidez, mas aconteceu que o mesmo estava esquecido da maior parte das palavras que eu lhe perguntava. Somente sobre o nome dos animais selvagens respondia com precisão e presteza, o que não deve ser motivo de admiração, porque os indígenas têm nesses animais a sua principal alimentação e dos mesmos frequentemente se ocupam; vivendo com eles nas matas e lhes fazendo contínua guerra, observam seus costumes e manhas, aprendem a imitar suas vozes, sabem espiá-los e surpreendê-los, e lhes atribuem muitas vezes uma inteligência e um discernimento que um animal selvagem não pode ter. O botocudo Firmiano dava-me constantes provas do que vou referindo.

Eis as palavras perguntadas ao jovem guanhanã e as traduções que ele deu às mesmas:

Deus.....Tupé (564)	Jabuticaba (fruta).....Meve
Sol ..... Leve	Jaguar..... Mingue
Lua..... Cassime	Fogo..... Fininve
Estrela..... Clingué	Papagaio..... longiovo
Homem..... Dofuve	Jacu (ave)..... Penho
Mãe .....Nigtave	Lambari ..... Clingloforce (os 2 l nes- ta palavra participam do som do r).
Menino..... Oofuve	
Menina..... Jacrove	Milho.....Nheré
Olhos..... Caneve	Farinha..... Manenfu
Pau ..... Cave	Feijão.....Ingró (in pronuncia-se como em latim e o o é aberto).
Cavalo..... Mingbagare	
Tapir ..... Cojuru	Abóbora..... Pavoce
Água..... Goió	Flecha ..... Dove
Veado..... Kinbeve	Perdiz ..... Curupepé.
Macaco..... Cajere	
Grande ..... Orangue	
Pequeno..... Carove	
Cachorro..... Fogfogve	

Devo prevenir ao leitor que nas palavras acima transcritas, o e não acentuado tem a pronúncia fechada, ao passo que o e acentuado (é) tem-na muito aberta, como em português. A repetição da sílaba ve, em seguida a um grande número de palavras, faz acreditar que indica a adição de um artigo. Posteriormente, comparei esse pequeno vocabulário com os das línguas dos coroados de Rio Bonito, dos maladlis, dos monoxós, dos macunis, dos botocudos, dos machaculis, dos coiapós, dos chicriabás (565), mas nenhuma semelhança notei. Fiz mais - comparei essas palavras, ditadas pelo jovem guanhanã de Itapeva, com os três dialetos da língua geral, e me convenci da inexistência de qualquer relação entre as referidas palavras e as que, nos três aludidos dialetos, exprimem a mesma cousa. As línguas não escritas, como já tive ocasião de salientar noutro ponto (566), alteram-se a modificam-se com grande facilidade; mas, no decurso de dois séculos apenas, não podem sofrer mudança tão radical, que lhes mude inteiramente o caráter. Ora, os amigos guaianases falavam a língua geral, pois foi com eles que ANCHIETA a aprendeu; conseqüentemente, os guanhanãs de Itapeva nada tem de comum com aqueles, a não ser a semelhança de nome, o qual, como já disse acima, lhes foi dado pelos primeiros brancos ou mestiços que se estabeleceram na região, e isso assim ocorreu, certamente, porque os guianases eram os únicos indígenas que conheciam ou de que conservaram a lembrança.

Como quer que seja, parece que os guanhanãs estão, na escala da civilização, em grau muito menos baixo do que o de muitas outras tribos de selvagens. Acreditam na existência de um poder supremo; fazem plantações de feijão e de milho, e, se os homens andam completamente nus, as mulheres cobrem seu órgão sexual. Esses indígenas, que, na ocasião de minha viagem, tão grande terror inspiravam, não foram ainda dominadas; mas deixaram de aparecer nos arredores de Itapeva. Cerca de duzentos indígenas, pertencentes a uma outra tribo, vieram se estabelecer, há muitos anos, na margem esquerda do rio Taquari, a pequena distância da sede do distrito. Entraram em luta com os guanhanãs, os quais, sentindo-se muito fracos contra esses inimigos, aliados com os paulistas, internaram-se mais pelas florestas, e deixaram de inquietar os homens de nossa raça (567). Esses indígenas que vieram se estabelecer à margem esquerda do rio Taquari eram de caráter dócil e pacífico, e logo se fizeram querer das brancos, seus

vizinhos, vindo muitas vezes à vila a fim de trocar, por ferramentas e roupas, cera e mel, que iam, com grande trabalho, colher no deserto. Entretanto, os serviços que prestaram aos brancos tornaram-se-lhes fatais; estes últimos, nada mais tendo a temer dos guanianãs, puseram-se a cultivar as excelentes terras de que antes não ousavam aproximar-se; os indígenas, em pouco tempo, ficaram comprimidos em estreita faixa de terreno, e a caça, qua constituía sua principal alimentação, acabou por lhes faltar. Em tal situação, nove desses indígenas apresentaram-se, em 1º de setembro de 1843, na fazenda de Perituva, à qual acima já me referi, e que, então, pertencia a JOÃO DA SILVA MACHADO, barão de ANTONINA, comunicando ao mesmo o estado crítico em que se encontravam e a resolução qua tinham tornado de se afastarem para baem longe, internando-se nas matas. O barão apressou-se em solicitar, para os pobres selvagens, socorros ao governo provincial não foi, contudo, atendido imediatamente. Assim, generosamente, tomou os mesmos debaixo de sua proteção, estabelecendo-os em suas terras nas proximidades dos rios Verde e Itararé, por eles fazendo tudo o que lhe foi possível. (568) . Parece, entretanto, que em 1844 o presidente da província lembrou-se desses indígenas de Perituva, remetendo ao barão diversos objetos para que os distribuísse entre os seus protegidos; e, para ministrar aos mesmos os princípios da fé cristã, enviou-lhes um dos missionários capuchinhos que o Sumo Pontífice mandara ao Brasil, em serviço da catequese dos selvagens, a pedido do governo central. Atraídos, sem dúvida, pelo bom acolhimento que o barão de ANTONINA fazia aos indígenas, outros vieram juntar-se aos primeiros; de sorte que, em 1847, a pequena colônia compunha-se de cerca de 400 indivíduos. O missionário capuchinho pediu que se concedesse a esses infelizes terra bastante para lhes assegurar a subsistência e que se desse ao seu aldeamento um título legal; mas o presidente da província no ano de 1847 declarou em seu discurso-relatório à assembléia legislativa, que tal solicitação não seria satisfeita enquanto não fosse nomeado um diretor que ficasse à frente dos indígenas (569). Os diretores foram para os indígenas, comumente, tiranos tão cruéis; é lícito pois, conceber justificados temores quanto ao futuro dos indígenas de Itapeva, destinados a ser submetidos a um regime que muitas vezes foi destruidor e, sempre, despótico. Quanto o missionário, é de crer que tenha encontrado grandes obstáculos ao seu humanitário ministério, por parte dos indígenas adultos, provavelmente já corrompidos por força de suas relações com os brancos e os escravos; e, assim, ter-se-á consolado atraindo para sua companhia as crianças, e esparzindo em suas almas as sementes da virtude. De acordo com os sábios e elevados conselhos de um dos que o precederam em sua nobre tarefa - "é preciso torcer a árvore enquanto nova e o galho quando nasce". Enquanto a cera está mole imprime-se-lhe o formato que se quiser, é enquanto a argila está úmida, que se fabrica o vaso. Não posso esquecer-me, aqui, da expressão de HORÁCIO, quando disse que o vaso retém, por dilatado tempo, o perfume e o sabor da primeira substância que conteve; e o papel o primeiro escrito e a primeira tinta que nele foram lançados (570).



(543) Ita (pedra), apeba (chata). Itapeva significa, também, lâmina de ferro (Die. Port. Bras., 24), etimologia, esta última, aceita por FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, mas a primeira me parece mais acertada.

(544) PIZARRO, que, como já se viu, situa Piratininga aos 23° a 30° de latitude austral, diz que Itapeva está situada a 23°, 19' a 30"; mas a posição desta última cidade é certamente mais meridional que a da primeira, é evidente que há engano quanto a uma dessas suas indicações. Esse fato e muitos outros provam quão necessário é que as antigas denominações sejam verificadas por algum sábio acostumado à exatidão aplicada atualmente aos trabalhos do gênero.

(545) Tem-se afirmado que os nomes Itapeva e Faxina sempre se referiram a uma só localidade (Die. Bras., I, 362-407). Não estive na verdadeira Faxina, mas custa-me crer que os habitantes da região estejam enganados sobre a existência de localidade situada, diziam eles, a 2 ou 3 léguas de distância do local onde residiam.

(546) Faxina ou Fachina quer dizer, ao mesmo tempo, feixe e destruição. Eu seria levado a acreditar que a última significação é a que deve ser adotada, porque os indígenas da região eram considerados como grandes destruidores.

(547) Depois que os impulsos da vaidade fizeram criar tantas e tantas cidades nas províncias de Minas Gerais, de Goiás e de São Paulo, é possível que existam cidades menores que a de Itapeva.

(548) Apiaí, situada em meio das montanhas da cadeia marítima, deve sua origem ao ouro encontrado antigamente em seus arredores. Parece que ali foram efetuadas lavagens muito importantes; mas considerável número de escravos pereceu num desmoronamento de terras, devido, sem dúvida, à imperícia dos mineradores, e, atualmente, só se encontram em Apiaí alguns faiscadores. O nome Apiaí vem das palavras guaranis - apia e yg, significando a primeira mácula e membro viril.

(549) MANUEL FELIZARDO DE SOUSA E MELO, presidente da província em 1844, declarou, em seu discurso à assembléia legislativa (Discurso etc., 32), que, segundo as informações fornecidas pela câmara municipal de Apiaí, foi iniciada, entre essa Vila e Itapeva, uma estrada ao trânsito de carroças e carros de bois, mais curta do que a estrada antiga em cerca de 6 e 8 léguas.

(550) É geralmente sabido que a ausência dos proprietários ricos é uma das causas da pobreza dos camponeses da Irlanda.

(551) Encontra-se, no útil Dicionário Geográfico do Brasil, a indicação de 2.000 almas para a população do distrito de Itapeva (I, 497). É claro, segundo o informe de PIZARRO, que esta indicação refere-se, mais ou menos, a 1822, e é, provavelmente, exagerada, como talvez o seja também a referents a 1838.

(552) SPIX e MART.US, Reise, I, 238.

(553) MÜLLER, Ens. Estat., quadro 3.

(554) Este fato, atestado por pessoas que vivem a algumas centenas de léguas umas das outras, não pode ser posto em dúvida.

(555) Como já disse noutra local (Voyage à Goyaz, 11, 278), dá-se o nome de gabioba a todas as pequenas espécies de psidium de bagas arredondadas. Os psidium guaxumaefolium corymbosum multiflorum (AUG. S. HIL., JUSS., CAMB.) são gabiobas. O myrtus mucronata (A. S. H., J. C.) é também uma gabioba.

(556) Deve ser lembrado que o quadro geral que se encontra no início do capítulo precedente, refere-se não só à região que se estende de Itapetininga a Itapeva, como também à que vai de Itapeva a Itararé.

(557) V. minha Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz, II, 156-209.

(558) Não é mister dizer que não se deve confundir essa fazenda com o sítio da Fazendinha, ao qual noutra ponto, já me referi.

(569) O nome Perituva vem das palavras da lingua geral - pery (junco) e tyba (abundância, reunião); donde sua significação - lugar onde existem muitos juncos.

(560) Itararé é palavra proveniente dos vocábulos guaranis ita e rare pedra que o ribeirão escavou (RUIZ DE MONTOYA, Tes. Guar., 179). Disseram-me que esse nome significava pedra que move, mó; mas, de acordo com essa etimologia, seria preciso admitir que Itararé vem de itaire, grafia que muito difere de itararé; além disso, como dentro em pouco farei ver, o nome de pedra que o ribeirão escavou convém perfeitamente a toda a região em apreço. Entretanto, não se deve, absolutamente, qual fizeram os tão laboriosos autores do Dicionário do Brasil, escrever Itereré.

(561) Como já se viu em minha Voyage sur le Littoral, II, 309, dá-se também o nome de bugre aos indígenas selvagens da província do Espírito Santo. Não tenho necessidade de dizer que não se escreve nem bugros, nem boogres.

(562) V. minha Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco a dans la Province de Goyaz, II.

(563) Não é lícito esquecer que, na lingua portuguesa, o grupo consonantal nh é pronunciado como o grupo consonantal francês gn., o que aproxima muito íntimamente as palavras guaianás e guanhanãs. JOÃO DA SILVA MACHADO, barão de ANTONINA, proprietário, em 1843, da fazenda Perituva, confirma inteiramente o que digo aqui, porque não dá outra denominação senão a de guaianases à tribo bárbara que infestara os arredores de Itapeva (Revista Trimensal, 2ª série, 281). É de notar também que o velho paulista FERNÃO DIAS PAIS, que, antes de descobrir as Minas, percorrerá os sertões vizinhos do rio Tibagi, nos mesmos aprisionou grande número de indígenas, aos quais deu o nome de guaianazes (BALTASAR DA SILVA LISBOA, Anais do. Rio de Janeiro, II, 280).

(564) É notável que seja encontrado esse nome, com pequenas alterações, numa extensa parte da América, entre tribos indígenas que jamais tiveram comunicação entre si e que falam línguas muito diversas. Presume que muitas vezes tenha ele sido levado de uma tribo à outra pelos missionários catequistas, que acreditavam, sem dúvida, fazer-se entender melhor pelos indígenas usando os nomes por estes adotados, ao invés de usar os equivalentes de origem grega ou latina. Com vários autores, indiquei, acompanhando o padre VASCONCELOS, a palavra Tupã como exprimindo a excelência terrificante; mas FERDINAND DÉNIS chamou minha atenção para uma passagem do padre ANTÔNIO RUIZ DE MONTOYA, que apresenta uma etimologia mais satisfatória, expressando-se por este modo: - "Tu, partícula de admiração, e pa, "partícula de interrogação - quern é ele? - nome que aplicam a Deus". (Tes. de la Lengua Guarani, 402). MALTE-BRUN, em sua Geographie Universelle, deu também à palavra Tupan tradução semelhante; mas não declarou onde colheu a mesma e não decompôs a palavra.

(565) V. minha Voltage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes, I, 46, 427 e II, 47, 154 a 213. .V. minhas outras obras - Voyage dans le District des Diamants et sur le Littoral du Brèsil, II, 293 - e Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province die Goyaz, II, 108, 261 a 289.

(567) Não é de todo impossível qua os guaianás de que fala AZARA (Voyage dens l'Amérique Méridionale, II, 75), e que habitam o oriente do Uruguai e do Paraná, sejam os

mesmos guanhanãs de São Paulo, pois como estes últimos entregam-se à agricultura e suas mulheres, como as destes, revelam algum pudor, ao passo que os homens andam completamente nus. - Vê-se na Voyage Pittoresque de DEBRET uma Gravura representando os selvagens goianás do Mar Pequeno, com esta explicação do autor (I, 29): - "O local em que se passa esta cena apresenta um "duplo interesse, pois representa não só a floresta virgem no ponto em que se "encontram as nascentes da famosa Lagos dos Patos..., mas também testemunha "a industriiosidade dos goianás, qua entretêm, com suas canoas, uma útil navegação "aos viajantes, para percorrerem o litoral da província do Rio Grande". É pouco mais ou menos como se dissesse que os camponeses de Berry tem pequenos barcos sobre a Mancha, nascente do Ródano; que recebem os viajantes, levando-os a visitar o reino dos Algarves... É de lastimar qua DEBRET, qua tão bem observara as cenas da vida doméstica dos habitantes do Rio de Janeiro, não tivesse reproduzido mais outras, tendo assim sacrificado seus pincéis no sentido de reproduzir plantas qua mal conhecia e indígenas que, em absoluto, não conhecia.

(568) J. J. MACHADO DE OLIVEIRA, Not. Radon., in Revist. Trim., vol. I, 2ª série, 247.

(569) Discurso Proferido pelo Presidente da Província MANUEL DA FONSECA LIMA E SILVA, no dia 7 de janeiro de 1847, p. 13.

(570) Padre MAURILLE DE S. MICHEL, Voyage den Isles Camarcandes en l'Amérique, 151.